

Caso Daniela Mercury e o tratamento da homossexualidade na mídia brasileira: uma análise da reportagem da revista Veja ¹

Isadora Nicastro Schwanke Julião²
Elza Aparecida de Oliveira Filha³
Universidade Positivo – Curitiba/PR

RESUMO

O presente artigo analisa a reportagem especial publicada pela revista Veja, edição 2316, que circulou no dia 10 de abril de 2013, tendo como capa uma fotografia da cantora Daniela Mercury em companhia de sua nova esposa, a jornalista Malu Verçosa. A chamada de capa “Casamento gay. A cantora Daniela Mercury apresenta sua esposa e faz da união homossexual uma questão inadiável no Brasil”, era complementada por uma reportagem de 10 páginas no interior da publicação e mais a Carta ao Leitor, que corresponde ao editorial da revista, na qual são expostos seus pontos de vista. Baseado nas teorias dos valores-notícia e no sensacionalismo jornalístico, o artigo busca avaliar o conteúdo apresentado pela Veja a seus mais de um milhão de leitores. A revista consolida o preconceito contra os relacionamentos homoafetivos no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; preconceito; revista Veja

Introdução

O artigo tem como tema a abordagem feita pelos meios de comunicação a respeito da homossexualidade. Esse assunto está constantemente na mídia, principalmente a partir do início deste ano, 2013, com a entrada do deputado Marco Feliciano na presidência da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara Federal. A permanência de um evangélico com princípios estáticos na presidência da comissão gerou polêmica e causou protestos. Uma das manifestações foi feita pela cantora Daniela Mercury, que assumiu um relacionamento homossexual e obteve grande espaço para discutir o tema na mídia. Portanto, a abordagem será o tratamento da homossexualidade no caso Daniela Mercury.

¹ Trabalho apresentado à Área 1, Jornalismo, do Intercom Junior, IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do segundo ano do curso de Jornalismo da Universidade Positivo. e mail: isadoranicastro@hotmail.com

³ Professora orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos (2006), mestre em Sociologia pela UFPR (2002), professora do curso de Jornalismo da Universidade Positivo (Curitiba/PR), ex-coordenadora do GT Jornalismo Impresso da Intercom (2009 a 2012).

Para isso, será analisada a reportagem especial da revista *Veja* sobre a cantora. É importante essa reflexão porque, pelo fato da revista *Veja* ser uma formadora de opinião forte no Brasil, a maneira com que a publicação trata a homossexualidade reflete de forma significativa na postura dos brasileiros diante do tema. A revista circula com cerca de 1,3 milhão de exemplares por semana e dedicou, nesta edição, 10 páginas e a Carta do Leitor para o caso.

1. Breve histórico da revista *Veja*

A revista *Veja* foi idealizada por Roberto Civita, quando seu pai, Victor Civita, ainda era o dono e presidente da Editora Abril. O semanário foi lançado em 11 de setembro de 1968 pela editora. Segundo o artigo *O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira*, escrito por Daniella Villalta em 2002, a publicação tinha características diferentes das usuais, encontradas nas revistas brasileiras. *Veja* é baseada nas semanárias norte-americanas *Time* e *Newsweek*, que já possuíam grande mercado nos EUA.

A primeira edição da revista teve como título *Veja e leia e a capa* tinha um fundo vermelho com símbolos do comunismo. Como chamada: “O Grande Duelo no Mundo Comunista”. Segundo a edição da *Veja* 2324, que homenageia Roberto Civita, a popularidade da revista no mercado consumidor brasileiro demorou a ser consolidada, mas a editora Abril conseguiu sustentá-la.

Nessa época, a ditadura militar estava no auge e a censura cada vez mais forte, o que dificultou ainda mais a inserção da revista no mercado, já que sua proposta era fazer análises. Mino Carta, que participou da criação da revista e era diretor de redação, afirmava que um dos motivos para a publicação não fazer sucesso no Brasil, era o fato de que o público não estava acostumado com uma revista naquele formato, com mais textos e menos imagens.

Victor Civita, na primeira Carta do editor publicada, disse que o objetivo da *Veja* era informar os brasileiros.

O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa ter informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da

religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de Veja. (CIVITA, 1968, p. 21).

Ainda na edição 2324, é colocado que por quase sete anos, a revista deu prejuízo. Para converter essa situação, Roberto Civita elaborou um sistema de assinaturas para a revista. E para atrair mais leitores, Veja iniciou a publicação de séries que contavam a viagem do homem à lua, que duplicou o número de assinantes. Hoje, a revista publica 1,3 milhão de exemplares por semana e faz parte do hábito de leitura das classes alta e média adulta brasileira.

2. Caso Daniela Mercury

No dia 3 de abril de 2013, a cantora Daniela Mercury publicou em seu Instagram uma montagem de fotos românticas com sua nova companheira, a jornalista Malu Verçosa. Na mesma postagem, como legenda estava a frase: "Malu agora é minha esposa, minha família, minha inspiração pra cantar" (MERCURY, 2013).

Recentemente, a cantora havia se separado do empresário Marco Scabia. Ela possui cinco filhos, dois biológicos e três adotados. Até então, Daniela nunca tinha exposto um relacionamento homossexual.

Sua declaração ganhou grande repercussão já que o assunto da homossexualidade vinha gerando debates na mídia desde 7 de março de 2013, dia em que Marco Feliciano foi eleito à presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. O deputado Feliciano, do PSC-SP, tinha postado em seu Twitter, em 2011, frases homofóbicas e contra negros. Sua eleição causou revolta e vários protestos contra o parlamentar aconteceram.

Na mesma semana da revelação de Daniela, uma declaração da cantora Joelma, da banda Calypso, também gerou polêmica. Em 30 de março de 2013, Joelma declarou em entrevista à revista *Época* que é contra o casamento de homossexuais e comparou o homossexual a um drogado. "Já vi muitos se regenerarem. Conheço muitas mães que sofrem por terem filhos gays. É como um drogado tentando se recuperar" (JOELMA, 2013 apud ASTUTO, 2013).

Em diversas entrevistas que Daniela deu após a publicação de sua nova relação, a cantora explicou que sua necessidade de contar para o mundo de seu novo relacionamento

não foi uma resposta a esses casos de preconceito. "Não foi por causa dele [Marco Feliciano] que eu fiz isso. Mas fiquei muito feliz de acontecer, dessa minha necessidade pessoal, no momento em que era necessário para o Brasil" (MERCURY, 2013 apud AZEVEDO, 2013).

Neste mês de julho de 2013, Daniela Mercury ainda está entre os assuntos mais comentados nas redes sociais e se tornou um ícone para a comunidade gay, sendo considerada a musa da Parada do Orgulho Gay em São Paulo, no mês de junho.

3. Comunicação de massa e objetividade

A repercussão da declaração da Daniela Mercury nos veículos de comunicação foi unânime. Essa popularidade do assunto trouxe a discussão da forma com que o caso está sendo abordado pela comunicação de massa, que atinge um público em grande escala.

Os efeitos dessa comunicação são discutidos por inúmeros pensadores, já que a transmissão de conteúdo padroniza opiniões, principalmente no jornalismo, é considerado o difusor da verdade. Mauro Wolf, em seu livro *Teorias das comunicações de massa*, faz referência a Lasswell, ao discutir, através de premissas, que o processo dessa comunicação se dá de forma assimétrica.

Esses processos são estritamente assimétricos, com um emissor ativo que produz o estímulo e uma massa passiva de destinatários que, ao ser 'atingida' pelo estímulo, reage. A comunicação é intencional e tem por objetivo obter um determinado efeito, observável, susceptível de ser avaliado na medida em que gera um comportamento que se pode de certa forma associar a esse objetivo. Este está sistematicamente relacionado com o conteúdo da mensagem. Consequentemente, a análise do conteúdo apresenta-se como o instrumento para inferir os objetivos de manipulação dos emissores e os únicos efeitos que tal modelo torna pertinentes são os que podem ser observados, isto é, os que podem ser associados a uma modificação, a uma mudança de comportamentos, atitudes, opiniões, etc (SCHULZ, 1982 apud WOLF, 2003, p. 13).

Ao considerar a grande repercussão do caso Daniela Mercury nos mais diversos meios de comunicação, há uma transmissão de informação com intenções, capaz de alterar a visão de um grupo de pessoas sobre o assunto. E essa parcela do meio de comunicação que busca um efeito em seus consumidores foge da objetividade jornalística idealizada. A objetividade ideal, que deveria ser seguida pelo jornalista, seria a total isenção de opiniões e um relato fiel e imparcial da realidade.

Felipe Pena (2008, p 50) discute esse conceito e defende que o jornalista jamais será plenamente objetivo, diz ainda que a criação de um método objetivo de trabalho e apuração conseguiria atingir melhor essa clareza.

A objetividade, então, surge porque há uma percepção de que os fatos são subjetivos, ou seja, construídos a partir da mediação de um indivíduo, que tem preconceitos, ideologias, carências, interesses pessoais e outras idiossincrasias. E como essas não deixarão de existir, vamos tratar de amenizar sua influência no relato dos acontecimentos. Vamos criar uma metodologia de trabalho. (PENA, 2008 p.50)

Pena afirma que um jornalista não exclui seus preconceitos e suas ideologias ao escrever uma matéria. É possível identificar uma falsa impressão de objetividade, que sutilmente interfere na opinião de milhões de pessoas a respeito dos temas. E isso acontece por um sistema falho de produção e com pouca clareza dessa construção para os consumidores da notícia.

4. Sensacionalismo e Valores-notícia

A forma de retratar a homossexualidade na mídia é questionada desde seu início, que aconteceu principalmente nos anos 60 e 70, na imprensa alternativa, durante a ditadura militar. No artigo *Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil*, Marcus Lima afirma que depois desse período, e até a descoberta da AIDS, o homossexual era retratado principalmente em revistas que exploravam o erotismo. Com a doença, a sexualidade e a homossexualidade passaram a ser mais discutidas na mídia. Mesmo com o diálogo, ainda foi identificada uma grande diferença de tratamento entre os veículos.

A homossexualidade discursivamente produzida, segundo Louro (2001), centra-se fundamentalmente no significado da moral. De acordo com o autor, o termo permite que alguns assinalem o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, enquanto outros proclamam sua normalidade e naturalidade. (SANTOS, VELOSO, 2010 p. 7).

Atualmente a mídia continua refletindo essa realidade e é acentuada com o jornalismo sensacionalista. “O tratamento que o jornal sensacionalista dá ao homossexual é preconceituoso, marginalizante, ofensivo e retrógrado. O homossexual é colocado como um perverso degenerado, cuja conduta fere a ‘normalidade’ e coloca em risco as instituições” (ANGRIMANI, 1995 p.66).

O discurso sensacionalista, além de preconceituoso, é definido por Rosa Nívea Pedroso como um sistema traçado por um ‘modo de produção’.

Modo de produção discursivo da informação da atualidade, processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação ou reprodução de real social (PEDROSO, 1983 apud ANGRIMANI, 1995 p.14).

Esses elementos, muitas vezes inseridos de forma sutil dentro de um texto, fazem com que os leitores recebam essa opinião do veículo de forma pacífica. Além desse modo de produção, existem outros métodos de construção da notícia. O primeiro deles é o momento de escolha dos assuntos considerados como notícia e que serão veiculados naquele dia. Essa escolha acontece através dos valores-notícia que são internalizados nas redações.

Inúmeros estudiosos já identificaram valores-notícia. Gislene Silva, em seu artigo *Valores-notícia: atributos do acontecimento*, faz uma avaliação e uma seleção de valores, e sua conclusão é uma tabela mais completa de possibilidades de classificação para a notícia.

A proposta que se faz aqui é pensar uma tabela operacional que contemple não só o consenso entre os atributos listados pelos diversos autores como também a inclusão de 12 outros que por precisão e originalidade possam contribuir para análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados (SILVA, 2005, p.11).

A tabela de valores de Gislene Silva compreende classificações interessantes para o assunto de Daniela Mercury. O valor de importância que mais se enquadra no caso, é no quadro de proeminência, em que temos o tópico *Celebridade*. Esse valor é o que decide que um relacionamento homossexual comum como de vários outros brasileiros não vire notícia, e por ser uma cantora, o relacionamento de Daniela apareça em todos os principais veículos de comunicação.

Nesse mesmo viés, existe o valor de *Proximidade cultural*, que se enquadra por ser uma cantora famosa e brasileira. E ainda o valor de *entretenimento* e *curiosidade*, por ser uma notícia de interesse do público. *Surpresa* ou *inesperado*, na percepção de que Daniela nunca tinha mostrado qualquer indício de uma relação homo afetiva, e o de *polêmica*, pelo próprio tema da homossexualidade e das outras questões políticas citadas.

5. Análise da revista Veja

A edição 2316 da revista *Veja*, do ano 46, nº15, veiculada no dia 10 de abril de 2013, utilizou como manchete a cantora Daniela Mercury. A capa foi diagramada com uma foto da cantora abraçando sua namorada Malu Verçosa, com a chamada: “CASAMENTO GAY. A cantora Daniela Mercury apresenta sua esposa e faz da união homossexual uma questão inadiável no Brasil”. A revista possui 122 páginas. São 77 de conteúdo, excluindo as páginas de publicidade. Dessas 77, 10 páginas, mais a Carta ao Leitor, são dedicadas para o caso de Daniela.

A Carta ao Leitor, localizada na página 12, leva o título: “Maiorias e Minorias”. A opinião da revista discute sobre o casamento homossexual. Já na primeira linha da carta, trata o assunto da homossexualidade como anormal.

Uma reportagem desta edição de VEJA fala das ondas de choque provocadas pela decisão da cantora baiana Daniela Mercury de, depois de dois casamentos convencionais, proclamar publicamente pelo Instagram sua paixão por uma mulher, Malu, a quem chama de esposa (VEJA, 2013 p.12).

As expressões “ondas de choque”, “casamento convencional” e “a quem chama de esposa”, mostram claramente que a revista não acredita que o assunto da homossexualidade seja um tema que deve ser tratado como natural.

A revista ainda desqualifica a luta pelos direitos dos homossexuais.

O assunto é complexo e convida à discórdia. Pessoas sem nenhum sentimento de rejeição aos homossexuais são contra o reconhecimento legal da união marital entre indivíduos do mesmo sexo. Boa parte se irrita mesmo é com a agressividade de militantes dos movimentos gays e sua fúria implacável dirigida a quem quer que ouse divergir minimamente deles (VEJA, 2013, p.12).

A carta ainda ressalta que, “é de se esperar que a condenação da homossexualidade continue em certos círculos” (VEJA, 2013 p.12).

Já na reportagem interna, escrita por Gabriela Carelli, é observado o mesmo tom de ‘anormalidade’. A diferença, é que a Carta ao Leitor é a opinião declarada do veículo e na matéria, ela é inserida nas entrelinhas e de forma mais discreta. Ainda assim, é um texto carregado de opinião.

Daniela – mãe de dois filhos já adultos, do primeiro casamento, e de outros três adotados, do segundo, ambos de relações convencionais – nunca admitira sua orientação sexual. Seja o que deus quiser, portanto (CARELLI, 2013, p.69).

Na própria entrevista feita com a cantora, Daniela rebate essa constatação de que nunca assumiu sua orientação sexual. A jornalista estava baseada em um pré-conceito do

que seria uma relação homossexual. Fica evidente que, para Carelli, se Daniela está apaixonada por uma mulher, sempre foi gay. E essa afirmação não é compatível com a realidade da cantora.

Eu me apaixono por pessoas, não separo por gênero. Se houvesse uns ETs charmosos por aí, eu ia querer conhecer também. Sou curiosa, sou aberta. Amor não escolhe o sexo. Acho que as pessoas se apaixonam, se amam e pronto (MERCURY, 2013 apud CARELLI, 2013, p.71).

É acentuada também a questão de Daniela se envolver na luta política contra o pastor Marco Feliciano. Depois de seu anúncio, a cantora publicou uma nota com crítica ao Congresso Nacional. “Numa época em que temos um Feliciano desrespeitando os direitos humanos, grito meu amor aos sete ventos. Quem sabe haja alguma lucidez no Congresso Brasileiro” (MERCURY, 2013 apud CARELLI, 2013, p. 70). A revista, no entanto, critica a atitude de Daniela.

Ao misturar seu relacionamento com política, Daniela prestou um desserviço ao mesmo tempo ao romantismo e à sua seriedade de propósitos. O presidente do STF, Joaquim Barbosa, ajudou a por a questão em sua real perspectiva durante uma palestra na UNB: “É simples: o deputado Marco Feliciano foi eleito pelos seus pares para assumir determinado cargo dentro do Congresso Nacional. Perfeito. Agora, a sociedade tem direito de se exprimir contrariamente à presença dele nesse cargo. Isso é democracia” (CARELLI, 2013, p.70).

A opinião a favor da causa homossexual, no entanto, está no formato do jornalismo imparcial e objetivo, sempre na fala do entrevistado. Como na frase: “‘A homossexualidade representa diversidade e ela é sempre positiva para a sociedade’, diz Edward Wilson, o grande biólogo americano de Harvard” (CARELLI, 2013, p. 72).

Para ilustrar a reportagem há imagens de vários casais homossexuais que têm ‘sucesso’ na relação. Mas, ainda assim, as palavras da jornalista entram em conflito com as imagens, já que não aprovam a relação.

Se a aprovação da união homossexual fosse simplesmente a institucionalização de uma postura que já estava acontecendo entre quatro paredes, seria mais fácil crer que essa transformação se daria de modo ainda mais acelerado. Mas há um complicador. Como estender aos gays as proteções legais dadas ao casamento, pelo simples fato de ele, ao fim e ao cabo, proporcionar a perpetuação da espécie pela procriação? (VEJA, 2013, p. 75).

Nesse parágrafo, há uma simplificação de uma união baseada em princípios milenares de amor, cumplicidade e fidelidade, em apenas a procriação, que vai contra até

mesmo no que diz a Bíblia⁴. Além de que a expressão ‘entre quatro paredes’ traz o sensacionalismo para a matéria já que desvia o sentido central que é o amor entre duas pessoas, e passa a ser uma discussão sobre a relação sexual, trazendo novamente uma visão de perversão e erotismo para o homossexual.

A reportagem, então, é concluída com uma reflexão a respeito dessa luta dos homossexuais pelo direito do casamento, e com a mesma análise de que é uma reivindicação infundada.

Além da intolerância e agressividade dos militantes, há descontentamento de um bom número de pessoas com a redução de questões éticas de alta complexidade – caso também do aborto e da eutanásia – a uma simples luta por direitos. Escreveram os especialistas em ética Claire Andre e Manuel Velazques: ‘Muitas controvérsias morais hoje se expressam na linguagem dos direitos. Há uma explosão de recursos pelos direitos dos homossexuais, direitos dos prisioneiros, direitos dos animais, direitos dos não fumantes e dos fumantes, direitos dos fetos e direitos dos trabalhadores’. O reconhecimento dos homossexuais perante as leis é, portanto, apenas um aspecto de uma questão social de consequências ainda não totalmente conhecidas. Mas apenas fingir que o novo não existe é insuficiente para preservar o velho (CARELLI, 2013, p. 75).

A revista desqualifica a luta homossexual e a compara com outros direitos contraditórios, ameaça uma consequência degradante à sociedade se legalizar uma união baseada em amor e construção familiar.

A Veja ainda traz duas reportagens internacionais, comentando o caso nos Estados Unidos e em Paris. Nas duas reportagens, há a indução para o lado contrário à causa homossexual.

Na matéria “E pensar que já foi assim...” é citado o caso da eleição de Bill Clinton, que com o intuito de garantir os votos dos conservadores, o ex-presidente dos EUA sanciona lei em que o casamento deve ser somente entre homens e mulheres. Há poucos meses, Clinton assumiu que essa ideia colocada na lei é inconstitucional, por não respeitar a lei de igualdade entre os cidadãos. A reportagem, então, coloca como se a aceitação e a legalização do casamento no país, faz parte de uma rede de interesses. Já que hoje o número

⁴ No Novo Testamento da Bíblia católica, Eufésios 5:22-28 está escrito: “Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para santificá-la, purificando-a pela água do batismo com a palavra, para apresentá-la a si mesmo toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim os maridos devem amar as suas mulheres, como a seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo”. É um dos trechos em que é ressaltado que o casamento não significa só a procriação, mas representa o amor entre o casal.

de liberais aumentou diante dos conservadores, a legalização do casamento é a visão que deve ser adotada para conquistar os eleitores.

A reportagem sobre o casamento gay na França, “Contra a ‘engenharia social’”, nos últimos dois parágrafos é colocado que a grande polêmica no país é que os franceses não “acham bom que bebês nasçam de dois pais (por meio de uma barriga de aluguel, obviamente) ou de duas mães, porque essas crianças teriam problemas psicológicos” (SABINO, 2013 p.78). Em uma entrevista ao programa Fantástico, em 7 de abril de 2013, sobre o caso de Daniela Mercury, a psicanalista Belinda Mandelbaum afirma que dentre as pesquisas realizadas, não há conclusão de que problemas psicológicos em crianças sejam causados pela criação de pais homoafetivos.

Há um consenso em relação a essas pesquisas que não há nenhuma evidência de que crianças criadas por casais homoafetivos tenham alguma diferença significativa em relação a crianças criadas por casais heterossexuais. Não é isso que faz a diferença no desenvolvimento físico ou psicológico dessas crianças (MANDELBAUM, 2013 apud AZEVEDO, 2013).

A revista, na reportagem, somente cita a opinião de parte dos franceses e não esclarece em nenhum momento que esta opinião não tem nenhuma comprovação. Dessa forma, a VEJA endossa a opinião equivocada de parte dos franceses.

Considerações finais

A revista Veja constrói suas notícias de forma que o público fique satisfeito com as informações publicadas. É de conhecimento público que os jovens aceitam mais a relação homossexual do que os mais velhos, principalmente de classes mais altas. Dessa forma, a revista escreveu uma matéria para a maioria do seu público: adultos de classe, A, B e C.

[A imprensa sensacionalista] não se presta a informar, muito menos a formar. Presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádica, caluniadora e ridicularizadora das pessoas. Por isso, a imprensa sensacionalista, como a televisão, o papo no bar, o jogo de futebol, servem mais para desviar o público de sua realidade imediata do que para voltar-se a ela, mesmo que fosse para fazê-lo adaptar-se a ela (MARCONDES FILHO, 1986 apud ANGRIMANI, 1995 p. 15).

As imagens, muito expressivas, também participam dessa abordagem sensacionalista. Para ilustrar a carta ao leitor foi colocada uma foto de um homem gritando, vestindo uma camiseta com os dizeres “Fora Feliciano”, sob uma mesa no Congresso. Na legenda da foto está: “O militante furioso que sapateia sobre a mesa no congresso é exemplo da intolerância que afasta a racionalidade da discussão sobre o casamento gay” (VEJA, 2013, p. 12). Esta descrição é uma generalização de um segmento inteiro que briga

por seus direitos. Além disso, a foto utilizada é de um militante que pode estar defendendo qualquer assunto, não necessariamente o homossexualismo, sendo assim, empregada para chocar e ridicularizar o movimento. Todas as fotos da reportagem seguem o mesmo padrão generalista e extremista, muito pouco afetivas.

Veja, portanto, traz um texto unilateral em que, a todo o momento, são ressaltados os problemas e os conflitos por causa do homossexualismo. Problemas que Freud, em 1935, já desconsiderava.

A homossexualidade não é uma vantagem, mas também nada do que devemos ter vergonha, não é um vício, nem degradação e não saberia qualificar de doença, nós a consideramos como uma variação da função sexual, provocada por uma certa paralização no desenvolvimento sexual. Inúmeros indivíduos, altamente respeitáveis, de tempos antigos e modernos, foram homossexuais e, entre eles, se encontram alguns grandes homens (Platão, Michelângelo, Leonardo da Vinci, etc.). É uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como um crime – e também uma crueldade (FREUD, 1935 apud ANGRIMANI, 1995 p.68).

Considera-se que a revista deixa de trazer para seu público a real perspectiva da situação e seu histórico equilibrado e majoritariamente imparcial, utilizando recursos da imprensa sensacionalista, para adotar postura preconceituosa, conservadora e contrária aos direitos dos homossexuais.

Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, Eurípedes. Uma vida dedicada à verdade. **VEJA**, Curitiba, Editora Abril, edição 2324, ano 46, nº23, maio/2013.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Sumus, 1995.

ASTUTO, Bruno. **Joelma compara Gays a drogados e diz ser contra casamento homossexual**. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/brunoastuto/2013/03/30/joelma-compara-gays-a-drogados-e-diz-ser-contra-casamento-homossexual/>>. Acesso em: 16/06/2013

CARELLI, Gabriela. **A revelação pública de Daniela**. Edição 2316. Veja. Ano 46. nº15. Abril, 2013.

FANTÁSTICO. **‘Nós só queremos formar nossas famílias’ diz Daniela Mercury**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/04/nos-so-queremos-formar-nossas-familias-diz-daniela-mercury.html>>. Acesso em: 16/06/2013

F5. **Daniela Mercury assume namoro com mulher e a chama de esposa**. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/1256528-daniela-mercury-assume-namoro-com-mulher-e-a-chama-de-esposa.shtml>>. Acesso em: 16/06/2013

LIMA, Marcus. Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-marcus-assis-IMPRESA-HOMOSSEXUAL-BRASIL.pdf>> Acesso em: 16/06/2013

NÉRI, Felipe. **Marco Feliciano é eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/marco-feliciano-e-eleito-presidente-da-comissao-de-direitos-humanos.html>> Acesso em: 16/06/2013

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

PETRY, André. **E pensar que já foi assim...** Edição 2316. Veja. Ano 46. nº15. Abril, 2013.

QUEM. **Daniela Mercury assume novo amor: “Malu agora é minha esposa”.** Disponível em: <<http://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2013/04/daniela-mercury-assume-novo-amor-malu-agora-e-minha-esposa.html>>. Acesso em: 16/06/2013.

SABINO, Mario. **Contra a “engenharia social”.** Edição 2316. Veja. Ano 46. nº15. Abril, 2013.

SANTOS, Joseylson; Veloso, Maria. **Corpo e sentimento – 46 anos de imprensa gay no Brasil.** Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/santos-joseylson-veloso-maria-corpo-e-sentimento.pdf>>. Acesso em: 16/06/2013

SILVA, Gislene. **Valores-Notícia: atributos do acontecimento.** Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0797-1.pdf>>. Acesso em: 16/06/2013

TERRA. **Daniela Mercury sobre Malu Verçosa: “grito meu amor aos 7 ventos”.** Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/gente/daniela-mercury-sobre-malu-vercosa-grito-o-meu-amor-aos-7-ventos.00f72968605dd310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 16/06/2013

VEJA. **Maiorias e minorias.** Edição 2316. Veja. Ano 46. nº15. Abril, 2013.

VILATTA, Daniella. **O surgimento da revista *Veja* no contexto da modernização brasileira.** Jornalismo, Faculdade Casper Líbero, 3º Ano.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.